Tosetto, Guilherme Marcondes (2017) "Ruído e interferência nas imagens técnicas de Guilherme Maranhão." *Revista Estúdio, artistas sobre outras obras*. ISSN 1647-6158 e-ISSN 1647-7316. *8*, (18), abril-junho. 146-151.

Ruído e interferência nas imagens técnicas de Guilherme Maranhão

Noise and interference at the Guilherme Maranhão's technical images

GUILHERME MARCONDES TOSETTO*

Artigo completo submetido a 06 de janeiro de 2017 e aprovado a 5 de fevereiro de 2017

*Brasil, fotógrafo. Bacharelado em Comunicação Social pela Universidade de Londrina (UEL), Pós-Graduação em Fotografia UEL. Mestrado em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL). Largo da Academia Nacional de Belas Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: guilhermetosetto@gmail.com

Resumo: Ao transformar equipamentos obsoletos em aparelhos para fotografar, Guilherme Maranhão opera próximo do cerne da caixa preta descrita por Vilém Flusser. O artista cria imagens técnicas a partir da interferência no programa de um scanner, que teve sua função alterada: da reprodução de imagens para a produção de fotografias. Deste processo surgem imagens repletas de ruídos que evidenciam a transformação do programa do aparelho, o desvio técnico como estratégia criativa, que resultam na reinterpretação de paisagens urbanas.

Palavras-chave: fotografia / imagens técnicas / ruído / interferência.

Abstract: *When transforming obsolete equipments into photographic devices, Guilherme Maranhão operates near the heart of the black box described by Vilém Flusser. The artist creates technical images from the interference in the program of a scanner, whose function has changed: from the reproduction of images to the production of photographs. From this process he creates images full of noises that show the transformation of the program of the apparatus, the technical deviation as a creative strategy that result in the reinterpretation of urban landscapes.*

Keywords: *photography / technical images / noise / interference.*

Introdução

As possibilidades criativas que surgem da relação entre homem e aparelho pontuam toda a história da fotografia. Da invenção científica do século 19 até as fotografias digitais feitas com telemóveis, sempre lidamos com as regras próprias de cada aparelho (como as regras de um jogo), programações que aprendemos a manipular, mas que limitam nosso acesso ao verdadeiro funcionamento destas máquinas de fotografar. É a partir deste conceito de *caixa preta*, criado por Vilém Flusser, que nos aproximamos do trabalho do fotógrafo brasileiro Guilherme Maranhão.

Ao utilizar diversos tipos de materiais, como filmes e papéis fotográficos vencidos, e aparelhos obsoletos, como ferramenta de trabalho, Maranhão "cria imagens sobre ciclos de vida, imperfeitos por natureza, cheios de ruídos, interferências e sujeitos ao acaso", conforme descrição apresentada em seu site. O fotógrafo gera novos tipos de imagens a partir de suas experimentações, muitas vezes precárias, onde o erro visualmente perceptível nos leva a refletir sobre a própria dinâmica da criação da imagem fotográfica, que passa necessariamente por um aparato tecnológico.

Se na gênese da fotografia havia a preocupação em reproduzir a realidade através de instrumentos mecânicos, hoje, construímos realidades a partir destas imagens, como afirma Vilém Flusser (2008), "as imagens técnicas não são espelhos, mas projetores: projetam sentido sobre superfícies."

Na série Pluracidades, Guilherme Maranhão busca abrir uma destas *caixas pretas* e a subverte para produzir novos tipos de imagens, que vão além daquele uso original do aparelho. Ele transforma scanners inutilizados em câmeras digitais artesanais. Com a ajuda de um computador e de uma bateria para impulsionar o aparelho, ele consegue captar e reinterpretar a paisagem ao seu redor.

1. Imagem técnica e aparelho

Para Vilém Flusser, a imagem técnica trata-se de "imagem produzida por aparelhos" (2002: 13). No caso da fotografia, imagens criadas por aparelhos pré-programados, que funcionam como instrumento de captação, criação e transformação da realidade. O caráter técnico está vinculado às origens da fotografia que, por utilizarem conceitos físicos e químicos para reproduzir a realidade, estavam muito mais próximas da ciência do que a arte e comunicação. E por algum tempo as limitações dos aparelhos delimitavam o alcance deste tipo de imagem. "As fotografias são realizações de algumas das potencialidades inscritas no aparelho" (Flusser, 2002: 23).

Ao aprimorar tecnologicamente o aparelho fotográfico, as possibilidades do programa se ampliaram, assim como seu uso pode alcançar outras áreas do

Revista Estúdio, artistas sobre outras obras. ISSN 1647-6158 eISSN 1647-7316. *8*, (18), abril-junho. 146-151.

Tosetto, Guilherme Marcondes (2017) "Ruído e interferência nas imagens técnicas de Guilherme Maranhão." *Revista Estúdio, artistas sobre outras obras*. ISSN 1647-6158 e-ISSN 1647-7316. *8*, (18), abril-junho. 146-151.

Figura 1 · Sem título (da série Pluracidades). Guilherme Maranhão, 2006/08. 59,6 x 99,6 cm. Museu de Arte Moderna de São Paulo.
Figura 2 · Sem título. Guilherme Maranhão, 2007.125,8 x 189 cm. Museu de Arte Moderna de São Paulo.

conhecimento humano. Se no início a fotografia era feita por grandes aparelhos e com necessidade de um tempo maior de exposição, os retratos precisavam ser retocados, a câmera em tamanho menor possibilitou que os fotógrafos deixassem os estúdios e ganhassem as ruas, e a fotografia então se coloca como o instrumento ideal para registro do real, cada vez mais próximo do operador do aparelho. Porém, o fotógrafo, mesmo conhecendo melhor as características e a finalidade de sua fotografia, continuou a controlar apenas o *input* e *output* das câmeras:

> *O aparelho funciona, efetiva e curiosamente em função da intenção do fotógrafo. Isto porque o fotógrafo domina o input e o output da caixa: sabe como alimentá-la e como fazer para que ele cuspa fotografias* (Flusser, 2002: 25).

Com o avanço da fotografia digital, e sua lógica binária de ‹zeros› e ‹uns›, parece que estamos nos distanciando cada vez mais da essência dos aparelhos. Sabemos produzir uma imagem com boa resolução, boa exposição de luz e melhores enquadramentos, proporcionados pelas câmeras e telemóveis cada vez mais inteligentes e pré-programados. Mas ainda não sabemos como a luz entra nos aparelhos digitais e nos entregam imagens com qualidade melhor do que vemos com nossos olhos.

Não que haja necessidade de nos tornarmos especialistas em eletrônica para produzirmos imagens técnicas, mas, ao conhecermos minimamente o programa destes aparelhos de fotografar, podemos ir além dos limites impostos por eles e nos transformarmos em verdadeiros jogadores, no sentido descrito por Flusser (2002: 24): conhecer as regras e não jogar com elas, mas, contra elas, procurando esgotar-lhes o programa.

2. Ruído e interferência

Ao irmos contra os programas de cada aparelho, estamos sujeitos a descobrir novas formas de produzir imagens e, consequentemente, diferentes tipos de fotografia. Também nos abrimos a possibilidade de errar, o que não deve ser visto pelo lado negativo, mas sim pelo viés da criatividade, principalmente quando produzimos fotografias no campo das artes plásticas, onde há algum tempo já foi superada a busca pela reprodução da realidade e do ideal da perfeição estética.

Em entrevista recente o designer Erik Kessels, autor do livro 'Failed It!', onde 'advoga contra a perfeição', faz uma interessante reflexão sobre os tipos de erros na fotografia:

> *os que ocorrem em frente à câmera, que muitas vezes são aqueles encontros afortunados que acontecem por acaso; os que ocorrem na câmera, como câmeras digitais que estão*

Revista Estúdio, artistas sobre outras obras. ISSN 1647-6158 eISSN 1647-7316. *8*, (18), abril-junho. 146-151.

Tosetto, Guilherme Marcondes (2017) "Ruído e interferência nas imagens técnicas de Guilherme Maranhão." *Revista Estúdio, artistas sobre outras obras*. ISSN 1647-6158 e-ISSN 1647-7316. *8*, (18), abril-junho. 146-151.

> *com defeitos; e os que ocorrem atrás da câmera, que são os mais interessantes. Você tem uma ideia e, muita vezes, gera algo interessante a partir de um erro.* (Folha de São Paulo, blog entretempos 2016-12-12)

No trabalho de Guilherme Maranhão, localizamos o erro na câmera, que origina imagens com defeitos pelo fato de ser um aparelho construído artesanalmente. Mas no campo das artes plásticas, no qual este trabalho se insere, os possíveis ruídos e interferências no processo produtivo das imagens técnicas as distanciam da informação visual ao mesmo tempo que as aproximam do campo criativo. Mais uma vez Flusser aponta para este caminho ao mencionar o caráter automático destes aparelhos:

> *Mas, tais como programados, os aparelhos não servem para produzir imagens informativas. É, pois, preciso utilizar os aparelhos contra seus programas. É preciso lutar contra a sua automaticidade.* (Flusser, 2008: 28)

Ao tratarmos o ruído como resultado de uma interferência no programa dos aparelhos de fotografar, podemos percebê-lo como erro ou como estratégia de criação. É exatamente onde se localiza o trabalho de Guilherme Maranhão, que ao criar imagens que fogem do seu próprio controle (enquanto fotógrafo) evidencia desvios que estão no cerne tecnológico dos seus aparelhos.

Uma das definições para a palavra ruído no dicionário Houaiss é: «qualquer distúrbio ou perturbação que ocasiona perda de informação na transmissão da imagem». Ora, se a fotografia é antes de mais nada, caracterizada por ser uma reprodução informativa da realidade, o que faz Guilherme Maranhão nesta série de imagens é justamente expor estes desvios como uma forma de evidenciar a própria lógica destes aparelhos, sujeita a interferências e propensa a ruídos.

Ao construir seu próprio aparelho de fotografar, a partir de um scanner obsoleto, que havia sido primeiramente programado para reproduzir imagens e agora passa a produzir imagens, Maranhão busca adentrar a caixa preta, mas isto não significa que tenha controle total sobre ela, de certo modo continua a operar nas superfícies do programa ao conhecer apenas o *input* e o *output*. «Pois é isto a imagem técnica: virtualidades concretizadas e tornadas visíveis" (Flusser, 2008: 24).

O resultado deste ato fotográfico é imagens que atestam a precariedade do aparelho, além de evidenciar a interferência que resulta do jogo estabelecido entre o fotógrafo e o programa no qual ele opera. Ao adentrar neste circuito produtor de imagens técnicas, o fotógrafo gera imagens com ruídos, que esteticamente funcionam como uma releitura da paisagem urbana. Linhas verticais

e horizontais que se cruzam com elementos humanos e parecem reordenar o caos cotidiano das metrópoles.

> *Este circuito, criado por Maranhão, permite que o acaso também concorra na interpretação da paisagem, conferindo-lhe uma visualidade que não tem como referência a hegemonia do olhar humano, e tampouco siga a bula do programa que transforma o mundo numa mimese pasteurizada e hegemônica, elaborado pelos engenheiros* (Chiodetto, 2008).

Mesmo com toda a interferência no aparelho e no programa, o artista não tem controle sobre a imagem final, o *output* ruidoso é resultado das interferências produzidas por Guilherme Maranhão. Ele define o assunto a ser registrado e tem controle sobre o tempo e espaço da fotografia, mas a imagem resultante destas escolhas ainda é de domínio do aparelho.

Conclusão

Os ruídos que surgem nas imagens técnicas, a partir das interferências neste aparelho fotográfico precário, funcionam como estratégia criativa do artista. Ao transformar os erros técnicos em acertos estéticos, as fotografias proporcionam uma nova maneira de reproduzir e apresentar a realidade vista através destes aparatos. Além disso, este trabalho nos leva a perceber que, mesmo com todas as transformações que a fotografia sofreu ao longo de seu desenvolvimento, ainda precisamos dominar fatores técnicos, como sensores, *bytes* e *pixels* para produzir imagens.

Referências

Chiodetto, Eder (2008) in *Pluracidades*. Rio de Janeiro: Ateliê da Imagem.

Flusser, Vilém (2002) *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Flusser, Vilém (2008) *O universo das imagens técnicas: Elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume.

Revista Estúdio, artistas sobre outras obras. ISSN 1647-6158 e-ISSN 1647-7316. *8*, (18), abril-junho. 146-151.